

APRESENTAÇÃO

Olho d'água, v. 12, n. 1, 2020

[...] Neste espaço que ainda resta,
ponha uma cadeira vazia.

Encomenda – Cecília Meireles

Este número da revista **Olho d'água** é composto pelas seções *Varia*, *Dossiê* e *Tradução Comentada*. Nele, damos continuidade ao Dossiê Literatura & Gênero, organizado pela Prof^a. Dr^a. Cláudia Nigro, e à seção Tradução Comentada, que já começa a tornar-se tradicional na estrutura da revista.

A Seção *Varia* conta com onze artigos. Vamos à sua apresentação:

No artigo “O Pós-colonial: utopia e distopia na escrita da desilusão moçambicana”, Renata Ribeiro Munhoz e Alfeu Sparemberger, exploram relações entre utopia, distopia e teoria pós-colonial. Para isso, apresentam, primeiramente, uma breve história da literatura africana em língua portuguesa e uma definição do conceito de pós-colonial. Após essa contextualização, abordam a produção literária moçambicana em seus vínculos com os conceitos de utopia e distopia, apontando o fato de que as guerras e suas conseqüências mudaram percepções de mundo e valores no país – o que fez da literatura uma plataforma para reflexões críticas e denúncias. *O último voo do flamingo* (2005), livro de Mia Couto, é tomado pelos autores como eixo para o desenvolvimento de seu estudo.

Em “A felicidade das máquinas: o triunfo dos dispositivos e o aniquilamento do outro em *o apocalipse dos trabalhadores*, de Valter Hugo Mãe”, Vera Bastazin e Humberto Moacir de Oliveira analisam o terceiro romance do escritor português, cuja obra tem na felicidade um tema recorrente. Nesse romance, demonstram, três personagens buscam a felicidade na alienação e na ignorância – que tem implicações assustadoras como, p. ex., o apagamento da subjetividade e a aniquilação da alteridade. Com base na leitura que Giorgio Agamben faz da filosofia da alteridade e do conceito de dispositivo de Emmanuel Lévinas, analisam a leitura crítica que o romance de Mãe faz de nossa sociedade contemporânea.

Em “A inaturalidade de Caio Fernando Abreu”, Wanderlan Alves explora a enunciação e as possibilidades do dizer em seus vínculos com determinado efeito de inaturalidade que caracteriza a literatura de Caio Fernando Abreu. Deste modo, identifica, na obra do escritor gaúcho, uma potencialidade crítica nas relações tensas com o tempo que solicita uma releitura atenta neste início do século XXI.

“Da memória à identidade em *The Solid Mandala*, de Patrick White”, artigo de Tiago Ferreira Pereira, Monica Stefani e Rosani Ketzer Umbach, analisa a representação da memória e da identidade nesse romance do escritor australiano. Segundo os autores, memória

e identidade se retroalimentam no romance – o que é evidenciado pelos protagonistas Waldo e Arthur Brown, irmãos gêmeos. Bauman (2005), Erll & Nünning (2008), Candau (2011), Hall (2015) e Neumann (2008) constituem-se na base teórico-crítica que embasa a reflexão desenvolvida no artigo, que demonstra que, no romance de White, a rememoração e a configuração de si têm, necessariamente, íntimos vínculos.

O artigo “*Personae* em pentimento: considerações sobre a figura de escritor na obra de Caio Fernando Abreu”, de Ellen Mariany da Silva Dias, aborda as modulações da figura do escritor em textos do autor. Segundo a articulista, essas figurações de autoria são construídas por meio de uma poética auto e antropofágica, evidenciando, em *mise-em-abyme*, diversas máscaras de escritor em contos, crônicas, cartas, romances, etc. Isso problematiza os conceitos de autor, autoria, genialidade convertidos em mitos no Romantismo e também nas Artes de Vanguarda do séc. XX.

Já o artigo “Comentário sobre *Poema(s) da Cabra e Comendadores jantando* de João Cabral de Melo Neto”, de Tieko Yamaguchi Miyazaki e Ricardo Marques Macedo, apresenta uma análise de poemas do autor de *A educação pela pedra* baseada nos conceitos de “fratura” e “linguagem poética”, de Greimas. Segundo os autores, o primeiro conceito permite investigar como a captação do real por um olhar perfurante dá a ver o que existe além das aparências; o segundo conceito permite identificar na redundância um procedimento que valoriza, em decorrência da organização paradigmática, o conteúdo e a expressão dos poemas.

“Dança da morte, escrita da vida: narrativas da AIDS, espaço biográfico e escritas de si nas obras de Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert”, artigo de André Luís Gomes de Jesus, estuda “Depois de agosto” (1995) e *À l’ami qui ne m’a pas sauvé la vie* (1990), respectivamente conto do escritor brasileiro e romance do escritor francês. O entrecruzamento entre trabalho ficcional e vivência factual é o eixo do trabalho que, segundo o articulista, insere as duas obras no campo das chamadas escritas de si. Segundo o articulista, a emergência do espaço biográfico (ARFUCH, 2010) na ficção é o que explica tanto da escolha de Guibert de narrar-se a partir de um discurso aparentemente referencial quanto a escolha de Abreu de apagar as marcas da vivência factual em sua obra. Nos dois casos, resistir à morte e valorizar a instância autoral como portadora do gesto de narrar são traços comuns aos dois escritores.

Em “Uma leitura multifacetada das múltiplas faces do romance *O filho mais velho de Deus e/ou Livro IV*, de Lourenço Mutarelli”, João Luís Pereira Ourique e Douglas Eraldo dos Santos exploram uma possível natureza satírica da obra em seu diálogo com diferentes gêneros literários, dentre eles a ficção científica. As diversas possibilidades de interpretação do romance estabelecem, segundo os autores, vínculos com a longa tradição humana de encontrar sentido para a existência mediante narrativas amparadas em teorias conspiratórias.

No artigo “Nebulosa e retumbante”: notas sobre as *Badaladas do Dr. Semana*”, Victor da Rosa refaz a trajetória editorial das crônicas publicadas na coluna “Badaladas” da revista *Semana Ilustrada* (1860-1876) sob o pseudônimo Dr. Semana e atribuídas, em grande parte, a Machado de Assis pela pesquisadora Sílvia Maria Azevedo. O estudo aborda o desafio que, com tal atribuição, a pesquisadora lança a alguns dos nomes consolidados da crítica machadiana (Lúcia Miguel Pereira, José Galante de Sousa e Raimundo Magalhães Júnior)

e, também, o modo como Azevedo se vale de uma série de pistas e de procedimentos de atribuição autoral que estes mesmos críticos deixaram como legado. Segundo o articulista, as duas principais complicações para tal atribuição de autoria são, por um lado, a escassez de provas materiais que liguem Machado de Assis a esse grande conjunto de textos, e a natureza do pseudônimo Dr. Semana, que era usado por diferentes cronistas do periódico.

“Suspensão do espaço-tempo no conto “Morangos mofados”, de Caio Fernando Abreu”, artigo de Elíoenai dos Santos Piovezan, define a narrativa que toma como objeto de estudo como obra inacabada e lugar de passagem, texto sintomático da chamada crise da narrativa. Desenvolve a sua análise com base em Blanchot (2005), Benjamin (1994), Rosenfeld (1996), Agamben (2007), Bakhtin (2011) e Reis (2018), destacando o procedimento do narrador de mesclar vozes e perspectivas do protagonista, das personagens e do próprio narratário na construção do texto.

Por fim, no artigo “Remodelações da poética romanesca em *Cachalote*: um estudo de caso para apreensão do romance gráfico”, Lucas Zafalon Garcia investiga as relações entre os gêneros romance e romance gráfico. Com base em Georg Lukács, Walter Benjamin, Theodor Adorno e Lucien Goldmann, estuda *Cachalote*, de Daniel Galera e Rafael Coutinho como exemplar de romance gráfico que porta traços importantes do romance, a saber: o desalento característico do indivíduo moderno sob o capitalismo, a fragmentariedade constitutiva da experiência moderno-contemporânea e a problemática da individualização da personagem.

A seção Dossiê foi, como já dito, organizada pela Prof^a Dr^a Claudia Nigro, da Unesp/São José do Rio Preto, contando com artigos voltados para o estudo das relações entre Literatura e Gênero – campo de investigação que está na ordem do dia e, além disso, ganhou maior relevância política no atual contexto de emergência e disseminação de discursos e práticas obscurantistas e preconceituosas. Remetemos o leitor à Apresentação do Dossiê, feita pela organizadora, a quem agradecemos, juntamente com os alunos que a auxiliaram, pela colaboração para com a produção da revista.

E para finalizar, agradeço, em nome de toda a equipe da revista, a todos os que colaboraram para que mais este número se concretizasse. Aproveito, também, para agradecer retrospectivamente a todos os que, de um modo ou outro, contribuíram ao longo dos últimos 12 anos para a existência e a periodicidade da **Olho d’água**, da qual, como editor-chefe, agora me despeço.

Arnaldo Franco Junior